

# O brilho que encanta

ANA DUBEUX

De tão fascinante, o céu de Brasília virou sinônimo de inspiração para poetas, músicos e casais apaixonados. Com as portas abertas para longas viagens às estrelas, passou a ser considerado a maior de todas as dádivas do horizonte brasileiro. Os 360 graus de amplitude — constante por quase todo ano — refletem a exata medida do seu potencial. Há quem o aponte como presente de Deus aos candangos, que são obrigados a conviver de perto com as obscuras transações das áreas sócio-política e econômica. Verdade ou não, o povo aproveita o privilégio: a olho nu, ou ajudado por equipamentos, tem aprendido muito sobre o brilho encantador do céu da cidade.

## Falta um observatório

O melhor de todos os céus do País — por permanecer aberto boa parte do ano, graças às condições climáticas — n-ao pode ser curtido como devia pelos especialistas por total falta de verbas para a construção de um observatório. O local já foi escolhido pelo Clube de Astronomia: próximo à Pedra Fundamental de Planaltina. Mas a viabilização do terreno cada dia se torna mais difícil em função de um antigo processo até agora não resolvido na Justiça. Os astrônomos amadores da cidade já tentaram conseguir recursos de várias maneiras, inclusive através da Lei Sarney. O Governo indeferiu o pedido, pois considera astronomia uma ciência e não cultura.

Nem por isso os membros do clube esmoreceram. Continuam lutando pelo espaço, cujo projeto prevê a construção numa área tombada como Patrimônio Histórico. O diretor técnico da entidade, Wilton Ferreira da Costa, faz questão de frisar que ninguém está sonhando com estruturas suntuosas: "Imaginamos um observatório simples, que ocupasse uma área de 10 mil metros quadrados". O custo da instalação e de compra de materiais sairia numa faixa de Cz\$ 4 a Cz\$ 5 milhões, levando em consideração que os instrumentos não sofrem taxaço.

Enquanto o processo do Clube junto ao GDF — que determina a concessão de uso de uma fração do terreno em torno da Pedra Fundamental — não sai, os associados continuam reunindo-se mensalmente no local com seus próprios equipamentos. "É a melhor área da cidade para observação", assegura um dos sócios fundadores da entidade, Nelson Rank. A notícia de que o Governo pretende investir na compra de um supertelelescópio para o Observatório Nacional, no Rio de Janeiro, não desanima os astrônomos brasilienses: "Não temos grandes pretensões. Pra nós o importante é a viabilização do nosso. Agora, sem sombra de dúvidas, Brasília merecia um pouco mais de atenção por ter um horizonte fantástico", completa Rank.

### DIVULGAÇÃO

Aos que não acreditam no interesse da população pela astronomia o diretor técnico do Clube explica: "O povo tem curiosidade e uma imensa vontade de conhecer melhor as estrelas, só que não é estimulado". Falta, na sua opinião, mais divulgação em cima da ciência. Um dos intuitos dos associados é promover cursos em escolas. Isto ainda não aconteceu graças à falta de tempo da maioria dos membros. Porém, boa parte do material didático para aulas teóricas já foi selecionado.

Falta também um pouco mais de interesse dos órgãos da área educacional. As crianças naturalmente adoram aprender um pouco mais sobre as constelações. No Clube já é notada a participação de alguns adolescentes ansiosos em descobrir as

novidades da astronomia. Mas só os mais apaixonados persistem. "Tem gente que vem uma ou duas vezes e vai embora. Outros ficam encantados e são atrelados ao grupo", revela outro diretor. Para Edimar Abreu, um dos mais antigos associados, o essencial é deixar a paixão correr com naturalidade. Ele mesmo, depois de chegar do banco onde trabalha passa horas e horas na sacada do prédio namorando os astros: "Não há nada mais emocionante", confessa.

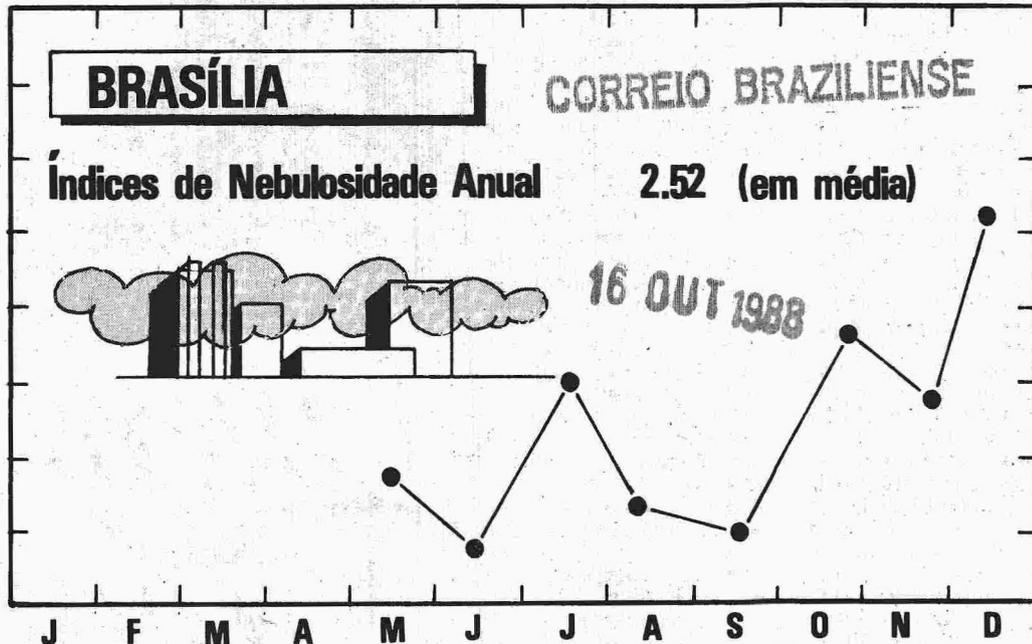
Com tantos privilégios, ele realmente não entende por que em Brasília ainda não foi construído um observatório. "Nos grandes centros como Rio de Janeiro e São Paulo não há mais condições de investir, sobretudo pela poluição. Esse céu nosso é uma dádiva. E os astrônomos amadores levam isso a sério, trabalhando no levantamento de manchas solares, que é repassado ao Observatório Nacional. Donos de um dos maiores acervos da ciência, Abreu, juntamente com outro membro do Clube, é responsável pela variação do Coeficiente de Observabilidade das Noites de Brasília — Conb.

O coeficiente mostra a visibilidade do céu da cidade, apontando qual fração está comprometida. Em Brasília isso normalmente acontece em um oitavo do céu, durante nove meses do ano. Os dados conseguidos com o Conb foram fornecidos à Liga Ibero-Americana, onde a Capital da República aparece com um dos índices mais baixos de nebulosidade, com 2.52, perdendo apenas para Cochabamba, na Bolívia, e Valencia, na Espanha. O trabalho foi divulgado em 1987 em informes de universidades latino-americanas e dos Estados Unidos.

### SUMIÇO

Outro local onde os astrônomos realizam experiência era a Universidade de Brasília. Contudo, há alguns meses o telescópio do Departamento de Física desapareceu. Pelo menos é essa a explicação dada por ex-alunos. Funcionários do local confirmam apenas que, como não estava sendo devidamente usado, o equipamento foi guardado. De uma forma ou de outra, quem perdeu com a história foram os estudiosos: "Sinceramente, tenho a maior curiosidade de descobrir esse mistério. De repente é um equipamento público, que deixou de fazer parte dos nossos estudos. Se não foi roubado seria interessante reativá-lo", revelou o estudante Mário de Alencar.

Com ou sem equipamentos, algumas pessoas continuam curtindo o céu de Brasília. Os ufólogos ficam na comissão de frente. Renato Rodrigues Vieira garante, por exemplo, que além de aberto, o horizonte da cidade é esotérico, tornando ideal para a prática da ação mental: "N-ao tem nada mais fascinante que mergulhar na imensidão desse espaço. Muitos grupos apontam a capital Federal como a área mais perfeita para ver discos voadores.



## Olhar as estrelas é um hobby que custa caro

Nem todo mundo pode se dar ao luxo de ser um astrônomo amador, pois além de exigir muita paciência e dedicação, o hobby é caro. A compra de um telescópio relativamente simples — de seis polegadas — custa em média 900 dólares. Como os equipamentos nacionais são poucos confiáveis, as pessoas normalmente preferem adquirir produtos importados. Os iniciantes não precisam ficar assustados: na falta do melhor material, os especialistas recomendam qualquer opção: "No começo o importante é o empenho e não a marca do equipamento", explica Edimar Abreu.

Considerado um dos melhores astrônomos amadores de Brasília, Abreu costuma dizer que muita gente compra telescópios não para ver as estrelas e sim para curtir as pernas da vizinha do apartamento do lado. Esses, na sua concepção, não têm a menor chance de levar o hobby a sério. Muito menos aqueles que investem alto em telescópios profissionais, sem conseguir utilizá-los adequadamente. Por isso mesmo ele acha que as primeiras viagens às estrelas devem ser feitas com binóculos. "São mais baratos e permitem um aprendizado ra-

zoável. Se a pessoa descobre que n-ao gosta da coisa pode usá-lo de outra forma".

Interessados ou não pelas maravilhas do céu, os compradores de binóculos são maioria. As lojas que vendem lunetas e telescópios garantem que praticamente não existe saída para esses equipamentos: uma vez ou outra aparece um interessado, mas não é muito comum. Nós também fazemos poucos pedidos. Agora mesmo não temos nenhum tipo de telescópio ou luneta", comentou o vendedor Marcus Vinicius, de uma loja especializada do Conjunto Nacional.

Fernando Luis, vendedor de uma outra loja, dá graças a Deus por não precisar viver do dinheiro das vendas de equipamentos que ele considera supérfluos: "A gente vende um ou dois por mês. Até as lunetas mais baratas de Cz\$ 1 mil e 500 são difíceis de sair. Se é assim, não entendo por que insistir". Ao seu lado, um companheiro de trabalho rebate as críticas: "Pra nós é interessante manter as vendas, só desse jeito abrimos espaço para que o negócio consiga se expandir. Hoje a saída é bem maior que há al-

guns anos, completa Pedro Rogério.

Se os telescópios e lunetas não têm boa saída, o mesmo não se pode dizer da produção de lentes. Apesar de não ter costume de fazer objetivas e oculares frequentemente, Sérgio Veiga tem sido muito procurado pelos astrônomos. Segundo ele, ultimamente, dada a dificuldade de encontrar produtos bons, o próprio aficionado prepara seu equipamento. "O produto final sai exatamente da forma e com as características que a pessoa deseja", garante, acrescentando em seguida que o preço fica de acordo com os pedidos, variando de Cz\$ 15 a 40 mil só a feitura das lentes.

Está provado que quem pensa em faturar muito vendendo esse tipo de produto não será bem-sucedido. "O mercado é pequeno. Estamos a anos luz dos mercados americano e europeu". A precariedade, inclusive, não acontece só nesse aspecto. De acordo com Veiga, no País não há nenhuma publicação — revistas, boletins tablóides — que tratem sobre o assunto. Os mais interessados s-ao obrigados a comprar revistas estrangeiras. Grande parte dos associados do Clube dos Astrônomos de Brasília tem essas assinaturas.

## A EVOLUÇÃO DA ATIVIDADE

### Curso é sucesso

Quem pensa que a astronomia em Brasília não dá Ibope precisa comparecer ao anfiteatro 10 da UnB, às quinta-feiras à noite, para assistir ao curso promovido pelo professor Ailton Lugarinho. As aulas que começaram em agosto e terminam em novembro, passaram a ser uma das boas novidades da Universidade. Sempre aparece quem queira, mesmo sem estar matriculado.

A previsão dos organizadores era de 150 participantes, mas o inesperado aconteceu: foram abertas 100 novas vagas e os demais interessados tiveram de se contentar com a idéia de fazer o curso em outra ocasião. Apesar da receptividade do público, tanto o Departamento quanto o Centro Acadêmico de Física ainda não definiram se promoverão novamente o curso.

De acordo com Lugarinho, a forma mais prática de explicar todo sucesso do curso é apontar a curiosidade das pessoas em conhecer melhor os fenômenos astronômicos. Como nunca houve outra programação igual em Brasília, todo mundo então correu para participar. "O tema é superfascinante, estou aguardando a hora de poder assistir às aulas regularmente, na próxima edição do curso", revelou Lúcia Amorim.

A história da astronomia, instrumentos e métodos de investigação, tempo e calendário, sistema solar, origem e evolução estelar e cartas e atlas celestes são algumas das disciplinas ministradas no curso. "Estamos mostrando vários aspectos de iniciação da ciência", completou Lugarinho.

### Clube ao acaso

Um encontro sui generis, num ponto de ônibus da 709 Sul, em meados de 1985, marcou o início dos trabalhos do Clube de Astronomia de Brasília. O autor da idéia, Francisco Lacerda, então assessor do deputado Plínio de Arruda Sampaio (PT/SP) convocou os interessados através de um anúncio de jornal. Deu certo: seis pessoas participaram da reunião, criando as bases da entidade.

Inscrito como uma entidade jurídica de cunho científico, o clube congrega pessoas interessadas no estudo e na prática da astronomia que reúnem-se periodicamente no auditório da Telebrás. Segundo o diretor técnico, Wilton Ferreira da Costa, os 35 associados não são poucos, se comparados a algumas cidades norte-americanas. "Até mesmo associações de grande porte dos EUA comportam esta mesma quantidade de filiados", garante.

Como a entidade ainda não dispõe de instrumentos, os associados utilizam seus próprios telescópios. O único apoio recebido é a taxa de Cz\$ 480 paga por cada um dos membros, todos astrônomos amadores. "Não temos nenhum astrônomo ou astrônomo profissional", revela o diretor, depois de garantir que isso não significa que os amadores não tenham interesse por este setor da física. Muitos filiados têm coleções estrangeiras e durante as reuniões discutem os novos ensinamentos da área. Para integrar ao grupo o requisito básico é ser um apaixonado pelas estrelas.